

**TÍTULO**

Mulheres: Feminino, plural

**AUTORES**

AAVV

**REVISÃO**

Nova Delphi

Cristina Santos Pinheiro

**DESIGN**

FBA.

**PAGINAÇÃO**

Nova Delphi

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Papelmunde

**ISBN**

978-989-747-002-8

**DEPÓSITO LEGAL**

362757/13

**EDITORIA**

Nova Delphi

(Marca registada da Euthalia Editora, Lda.)

Rua da Carreira, 115/117, 9000-042 Funchal, Portugal

[www.novadelphi.com](http://www.novadelphi.com)

**NOTA À EDIÇÃO**

A Coordenação decidiu respeitar a opção de cada autor em adotar ou não o acordo ortográfico.

# MULHERES: FEMININO, PLURAL

## COLÓQUIO INTERNACIONAL

«A MULHER EM DEBATE: PASSADO-PRESENTE»

Coordenação: Cristina Santos Pinheiro, Anne Martina Emonts,  
Maria da Glória Franco e Maria João Beja

Comissão Científica: Arnaldo Espírito Santo, Cristina Pimentel,  
Cristina Santos Pinheiro, Isabel Capeloa Gil, José Ribeiro Ferreira,  
Maria João Beja, Maria da Glória Franco e Anne Martina Emonts



**Aliquando sexum egressa (Tac. Ann. 16.10):  
Quando a mulher transcende a fraqueza do seu sexo.**

Maria Cristina de Castro-Maia Sousa Pimentel

Começo por propor que entremos no senado, em Roma, num dia do ano 21 da nossa era, quando o *princeps* era Tibério, e fiquemos um pouco a ouvir os debates na cúria<sup>1</sup>. Um senador, Cecina Severo, levanta-se e apresenta uma proposta: que, daí em diante, nenhum magistrado nomeado para o governo de uma província possa levar consigo a mulher. Para que não o julguem juiz apenas em causa alheia, Severo garante de antemão que, no seu caso, estimava a mulher, que lhe dera seis filhos, mas fizera sempre o que agora recomendava, pois, em quarenta anos de campanhas por diferentes paragens, jamais levava a esposa com ele, deixando-a sempre na Itália. Sanciona a sua prática com o uso dos tempos antigos, quando a proibição vigorava «porque a demasiada comitiva, de que sempre iam rodeadas»<sup>2</sup> as mulheres, «não só causava perturbação pelo seu luxo em tempo de paz, porém aumentava o terror em tempo de guerra, e dava às legiões romanas um ar de exército de bárbaros». E acrescenta que, «além de ser o sexo feminino fraco e incapaz de grandes fadigas, são de ordinário as mulheres, quando impunemente o podem fazer, não só vingativas, porém muito ambiciosas de autoridade e riquezas: andam pelo meio dos soldados; põem logo do seu partido os centuriões; e, como havia pouco tinha acontecido, até se viu uma mulher comandar o exercício das coortes, e das mesmas legiões»<sup>3</sup>. Em seu entender, prossegue ele, deviam os senadores ter presente que «todas as vezes que se tem arguido alguém por extorsão de dinheiros, sempre as mulheres tiveram nisto grande parte: a elas logo se ligam os homens de menos probidade nas províncias; elas se incumbem de todos os negócios; tudo se faz pela sua influência; e formam-se, por assim dizer, nos exércitos duas cortes, e dois diferentes quartéis-generais. O império da mulher era sempre mais atrevido e caprichoso; e apesar de haver já sido limitado pela lei Ópia, e outras

1 Cf. Tac. *Ann.* 3. 33-34.

2 Todas as traduções que apresento dos *Annales* de Tácito são de José Liberato Freire de Carvalho, *Os Annaes de Cornelio Tácito*. 2 vol. Paris, J.P. Aillaud, 1830. Procedi às necessárias actualizações ortográficas e à correcção de antropónimos.

3 Trata-se de alusão (cf. *Ann.* 2. 55) a Plancina, mulher de Calpúrnio Pisão: a versão de Tácito sugere-os a ambos como assassinos de Germânico, por sugestão ou em conivência com Tibério, desagradado com a fama e o valor do sobrinho e filho adoptivo.

mais que depois se publicaram, como todas agora já estejam postas em desuso, tornamos a vê-las governar as casas, os tribunais, e até os mesmos exércitos»<sup>4</sup>.

A intervenção merece que se sejam algumas considerações. Em primeiro lugar, as ideias expandidas são postas na boca de uma personagem e, portanto, Tácito está salvaguardado quanto às opiniões aí consagradas. No entanto, a própria sintaxe do discurso indirecto livre que predomina no passo permite que Tácito faça também de certo modo suas as palavras de Severo<sup>5</sup>. Recapitulemos, pois, o que se conclui sobre as mulheres: o papel delas confina-se à casa, aos filhos e à pátria, e é daí que nasce a concórdia conjugal. A sua fecundidade e o recato são as qualidades que a valorizam. O marido age e decide, ela submete-se. Ao homem, o papel activo, à mulher o passivo, como bem ensinava a tradição, cujo desrespeito motivara a degradação dos costumes e a inversão de uma ordem social que, a todo o custo, havia que recuperar. Há um campo restrito e próprio da actuação das mulheres: sempre que elas invadem o espaço que deve ser exclusivamente masculino, essa perigosa transgressão produz os mais funestos resultados. É em casa e na pátria que devem estar, já que, junto dos magistrados e generais, elas são apenas um empecilho, com os seus medos e a sua fraqueza, uma fonte de vultuosas e desnecessárias despesas, uma perturbação da ordem e uma inversão da legítima autoridade. Por serem o «sexo fraco», incapazes de fadigas e esforços<sup>6</sup>, se as deixam sem guarda e sem controlo deixam vir ao de cima o seu verdadeiro carácter e são cruéis, indomáveis, volúveis, ambiciosas e intriguistas, presas fáceis de depravados e sedutores, acima de tudo ávidas de poder e, por isso, capazes de tudo para o conseguirem e se apoderarem, em progressiva escalada, não só da casa e da família, mas também de todos os espaços e funções que são dos homens (*domos, fora, iam et exercitus*)<sup>7</sup>.

4 Sobre os paralelos deste discurso com o registado em Tito Lívio 34, 1-7 (acerca da ab-rogação da *lex Oppia*), e sobre a verosimilhança de uma tal intervenção na sessão do senado do tempo de Tibério, v. L'Hoir (2006) 118-124 e Ginsburg (1993) 86-103.

5 Sobre os recursos de Tácito para a insinuação, v. Ryberg (1942) 383-404; Develin (1983) 64-95.

6 *Ann.* 3. 33: *imbecillum... et imparem laboribus sexum*. Cf. *Ann.* 1. 56: *imbecillum aetate ac sexum*, expressão que designa os velhos, as mulheres e as crianças, massacrados sumariamente em contexto bélico; e o *imbellis sexus*, incapaz para a guerra (*Ann.* 14. 33). V. tb. *Ann.* 3. 34: *sexum natura inualidum*; *Ann.* 4. 50: *secuti aetate aut sexu imbecilli*. Note-se que a própria mulher invoca o *imbecillum... seminarum animum* (*Ann.* 6. 49) quando tenta escapar a uma situação de apuro.

7 Há um episódio paradigmático que Tácito relata (*Hist.* 1. 48) para ilustrar o supremo desregramento feminino, corporizado na mulher do legado imperial na Panónia, Calvisio Sabino, no tempo de Calígula: ela introduziu-se, a coberto da noite e vestida de homem, no acampamento militar de que o marido era comandante, para observar as manobras militares e nelas participar; para cúmulo do desa-

Tácito diz que foram poucos os senadores que aprovaram esta intervenção. Como mandam as regras da *controversia*, aqui aplicada ao debate na cúria, ergue-se o senador Valério Messalino para defender a opinião contrária. Se o leitor de hoje, imbuído dos parâmetros sociológicos em que foi criado, tem esperanças de ouvir uma defesa das mulheres na boca do descendente do orador Messala Corvino, desengane-se. É certo que ele mostra que a *duritia*, a severidade de outros tempos, tinha sido adoçada com o passar dos anos e o cessar dos momentos de maior aflicção e constrangimento económico ou bélico. É certo que reconhece que se haviam concedido algumas poucas comodidades às mulheres, as quais nem chegavam a onerar o património dos maridos, quanto mais a exaurir o dos aliados, e que, fora desses pequenos privilégios, tudo elas partilhavam com os maridos sem constituírem *impedimentum* em tempos de paz. Na guerra, em campanha, sim. Mas na paz?! Que coisa, lança Messalino em pergunta retórica, «pode haver de mais honesto do que vir descansar nos braços de uma esposa?» Repare-se que o senador não defende o estatuto das mulheres: o que faz é assumir a perspectiva dos homens e considerar que é benéfico para o guerreiro ter à sua espera um honesto repouso, o *uxorium leuamentum* que lhe retemperará as forças e o manterá afastado de outras tentações menos lícitas<sup>8</sup>. Messalino, alterando o processo da *concessio*, que admite razão a eventuais opositores, com o da *prolepsis* ou *anticipatio*, que antecipa argumentos contrários para os rebater, reconhece a queda de algumas mulheres para a ambição e a ganância (34. 3: *in ambitionem aut avaritiam*), mas contrapõe que esses defeitos não são exclusivos das mulheres; e, carregado de ironia ao evocar o argumento de que a *pravitas*, a perversidade das mulheres, é a causa da corrupção dos maridos, pergunta se todos os homens solteiros têm sido incorruptíveis. Põe por isso o dedo na ferida e aponta o modo de a cauterizar, afirmando: «é de balde que pretendemos desculpar a nossa indolência com os defeitos alheios: se a mulher se não comporta como deve (34. 4: *si femina modum excedat*), é sempre a culpa do marido; e pela

foro, manteve no *praesidium* relações sexuais com o jovem tribuno Tito Vínio, subalterno do marido. «V. o nosso estudo *Mala cupidine uisendi situm castrorum* (TÁC., *Hist.* I 48): quando as mulheres se imiscuem no mundo restrito dos homens» in M.<sup>a</sup> José Lopes (coord.), *Narrativas do Poder Feminino*. Braga, Aletheia-UCP, 2012, 267-274.

8 Vejam-se dois dos argumentos invocados para que Cláudio case de novo após a morte de Messalina: o facto de alguém como ele, censor e *princeps*, precisar de quem o desonere de *domestica cura* para melhor se entregar aos deveres do cargo; o não lhe ser possível ter um *honestius... leuamen* a não ser tomando esposa, à qual pudesse confiar os seus mais íntimos pensamentos e que para ele fosse *prosperis dubisque socia[m]* (*Ann.* 12. 5).

fraqueza de um ou outro indivíduo não devem ficar todos privados de suas esposas, esta companhia interessante tanto nas desgraças como nos prazeres da vida». A lição está dada: é dever do marido controlar, refrear, corrigir a mulher, isto é, ao homem cabe cumprir o seu dever de homem, sem se privar do que o casamento lhe proporciona de bom. A argumentação de Messalino não fica, porém, por aqui e segue a provar que é do superior interesse da mulher que o homem a mantenha sempre junto dele, já que é bem mais perigoso se, em vez de acompanharem os maridos, elas, «um sexo por natureza tão frágil», ficarem sozinhas, por sua própria conta, entregues a si mesmas, expostas «aos seus caprichos, ou às seduções dos estranhos» (34. 5: *Simul sexum natura inualidum deseri et exponi suo luxu, cupidinibus alienis*). O senador apoia a sua opinião lembrando que, mesmo com o marido presente e exercendo uma vigilância constante, era *uix*, a duras penas, que se conseguia «manter ilesa a sua fidelidade»: que seria então se a distância e o tempo os afastasse das esposas numa espécie de divórcio? Incentiva, pois, todos os presentes a que, antes de se preocuparem com os males que podem suceder em terras longínquas, ponham ordem dentro de casa. *Sic Caecinae sententia elusa*: «Desta maneira ficou sem efeito a proposta de Cecina».

Se escolhi este episódio do Livro 3 dos *Annales* e nele me detive, fi-lo porque ele nos permite estabelecer um quadro de características tópicas que atravessam abundantemente a obra de Tácito e deixam transparecer, não só o código de valores que se exigia que uma mulher respeitasse, mas também uma lista mais ou menos cristalizada de vícios e defeitos que se atribuíam às mulheres, como que fazendo parte intrínseca do seu modo de ser.

Bastar-nos-á começar por uma simples observação do vocabulário que respeita às mulheres ou as designa. É especialmente significativo o caso do adjectivo *mulieris*, -e (de mulher; feminil) e do advérbio de modo dele formado, *muliebriter* (como as mulheres). Das 31 ocorrências na obra de Tácito, verificamos que mais de metade (19) aponta para características gravemente censuráveis ou funestas das mulheres, sublinhando aspectos como:

A incapacidade de se controlarem nos desejos e ambições, a sede de mando e de poder, o carácter intratável, a inquebrantável *muliebris impotentia* (cf. *Ann.* 1. 4; 12. 57; e *Ann.* 4. 57: *matris impotentia*; 5. 1: *mater impotens*; 13. 12; 14. 1: *potentia(m) matris*).

O carácter destemperado, violento, injusto e egoísta: *Ann.* 13. 13 (*in modum muliebriter*).

A indomável soberba: *Ann.* 13. 14 (*superbia muliebris*).

A animosidade amiúde sentida contra outras mulheres: *Ann.* 1. 33 (*muliebres offensiones*).

As rivalidades funestas mantidas com outras mulheres, as inimizades que as levam a provocarem a desgraça alheia: *Ann.* 2. 43 (*aemulatione muliebris*<sup>9</sup>); 12. 64 (*muliebribus causis*).

A fraude e a impostura que as caracteriza: *Ann.* 2. 71 (*muliebris fraude*); 11. 3 (*fraude muliebris*).

As amizades de que se servem para intrigar e o tráfico de influências a que se dedicam: *Ann.* 5. 2 (*amicitias muliebres*).

A incómoda ou indevida importância que se arrogam: *Ann.* 1. 14 (*muliebre fastigium*).

O péssimo conselho que (quase) sempre dão: *Ann.* 15. 54 (*consilium... muliebre ac deterius*).

Os lamentos e o choro que lhe são comuns, sinal de fraqueza, desnorte ou impostura: *Ag.* 29.1 (*per lamenta rursus ac maerorem muliebriter*); 46.1 (*muliebribus lamentis*); *Ann.* 16. 10 (*muliebris eiulatu*).

A vaidade dos enfeites e dos adornos da mulher, por natureza leviana e fútil: *Ger.* 18.2 (*delicias muliebres*).

As manhas e artifícios tipicamente femininos, como as artes da sedução, as blandícias, as lisonjas com que intentam conquistar o que cobiçam: *Hist.* 1. 74 (*muliebribus blandimentis*); *Ann.* 12. 3 (*Agrippinae inlecebris*); 14. 2 (*muliebres inlecebras*).

O desejo fatal que despertam nos homens e os fazem cometer os maiores crimes e desmandos: *Ann.* 4. 39 (*muliebris... cupidine*).

Se considerarmos, ainda, que o mesmo adjectivo e o mesmo advérbio *muliebriter* aparecem, em cinco outras ocorrências, como sinónimo de «efeminado, de vícios depravados», ou, pelo menos, revelando a estranheza de qualquer circunstância inadequada aos homens (*Ger.* 43. 4; *Hist.* 1. 30; *Ann.* 11. 36; 13. 30; 14. 30), veremos que a carga pejorativa associada a esses vocábulos, que designam a condição feminina ou o modo de ser e agir das mulheres, é absolutamente devastadora<sup>10</sup>.

Se atentarmos em que, por toda a obra de Tácito, perpassa um amplo conjunto de vocábulos portadores de carga semântica fortemente negativa, constituído por substantivos, adjectivos, verbos e advérbios, usados predominantemente

9 Cf. *Ann.* 13. 19: a *infensa aemulatio* que opõe Agripina e Domícia, respectivamente mãe e tia de Nero.

10 São poucas as ocorrências em que o uso é anódino, neutro, denotativo: *Hist.* 4. 83; 5. 13; *Ann.* 1. 40; 4. 62; 11. 21. Em dois outros passos, trata-se de referência ao corpo ou às partes genitais da mulher: *Ann.* 14. 60; 15. 67.

no tocante às mulheres, ficaremos próximos do entendimento de um quadro de *uitia* que lhes eram atribuídos como fazendo parte da sua natureza. Sem pretender esgotar este aspecto, registo alguns exemplos: são os substantivos que lhes argüem a *impudicitia* (Ann. 1. 53; 6. 51; 12. 65; 13. 45; 15. 59...), a *lasciuia*, a *libido* sem freio (Ann. 14. 2...), o *dedecus* (Ann. 11. 28; 13. 5; 14. 11...), a *infamia*, a *dominatio*, a *superbia* e a *auaritia* (Ann. 13. 14; 18; 14. 1; 2; 6...), a *prauitas* e a *inuidia*, os frequentes *flagitia*, e *scelera*, e *crimina*, e *delicta*, e *stupra*, a arma sabiamente usada do *dohus* e da *simulatio* (Ann. 1. 3; 13. 1; 14. 6...), o *ambitus* (Ann. 1. 7; 12. 1; 59...) e a *ambitio*, as *artes* (Ann. 1. 3; 3. 17; 12. 59; 13. 2; 13. 46...), as *inlecebrae*, o engodo da sedução (Ann. 12. 3; 14. 2...), a *atrocitas*, a *uiolentia*, a *saeuitia*, as *inimicitiae* e os *odia* (Ann. 11. 12; 13. 15...); são os adjectivos que acusam a mulher de ser *impudica*, *infamis*, *uiolenta* (Ann. 12. 64...), *saeva*, *infensa*, *nocens*, *trux*, *minax* (Ann. 3. 22; 12. 65...), *peruicax*, *auida*, *ambitiosa*, *falsa* (Ann. 13. 13...); são os verbos como *struere* ou *moliri*, no sentido de «maquinar» (Ann. 12. 3; 42. 1; 14. 11...), como *ostentare*, expressando a vontade feminina de exhibir a sua beleza, a sua elegância, o seu poder (Ann. 12. 27...), como *audere* ou *extollere*, consagrando a infracção dos limites que constantemente atrai as mulheres e as avilta (Ann. 12. 42. 1-2), como *inhiare*, a cobiça do que é dos outros e há que obter a qualquer preço, (Ann. 12. 59...), como *peruertere* ou *exturbare* (Ann. 11. 12...), traduzindo a crueza implacável com que lançam a desgraça sobre quem se lhes atravessa no caminho, como *aemulari*, quando simplesmente não toleram que outra mulher as desafie ou iguale (Ann. 12. 64...), como *regere*, no seu desejo incontrolável de mandar, ou como todos os do campo lexical do fogo<sup>11</sup> (12. 1...), a chama em que se abrasam e incendeiam, na ira e nos desejos criminosos, ou que provocam nos outros, força de destruição que os conduzirá ao erro, à ruína ou à morte; são também advérbios como *altiis*, a acentuar a ambição sempre crescente que as domina, ou *superbe* e *saue* (Hist. 3. 77), ferrete da desumanidade e da arrogância que as marca indelevelmente<sup>12</sup>.

11 V. e.g. Ann. 11. 12.; 12. 1: *Nec minore ambitu feminae exarserat...*

12 Assim se pode generalizar o conselho que a Nero dão os seus mais íntimos amigos: *cauere insidias mulieris, sempre atrocis, tum et falsae* (Ann. 13. 13), i.e., que «tivesse cautela com os ardis de uma mulher sempre atroz, e agora muito mais falsa do que nunca». Se é verdade que esses amigos se referem a Agripina, o tom aforístico da frase e o emprego de *mulier* em vez de *mater* transformam o particular em geral, e na *sententia* cabe a maioria das mulheres. Compreender-se-á que os passos registados para documentar a atribuição às mulheres, por parte de Tácito, dos referidos substantivos, adjectivos, verbos e advérbios de carga semântica negativa, sejam meramente exemplificativos e de forma alguma exaustivos.

É certo que a maior parte das circunstâncias até aqui consideradas diz respeito às mulheres da alta nobreza romana, mães, mulheres, filhas, parentes, amigas ou amantes da casa imperial, esposas de altos magistrados e afins. Nesse sentido, elas talvez não possam ser tomadas como paradigma de todas as mulheres. Pela posição que ocupam, pela influência de que gozam, elas estão em condições de facilmente extravasarem dos limites que lhes competiam num universo regido pelos homens. Facilmente se deixam levar pela *auaritia*, pela *impotentia*, pela *cupido*, pela *licentia*, a coberto de uma sensação, quase sempre ilusória, de que estão salvaguardadas nos seus desmandos pelas relações familiares ou pelo ascendente que sabem conquistar e manter sobre os seus homens. Figuras como as de Lúvia, mulher de Augusto e mãe de Tibério, Livila, irmã de Germânico, nora de Tibério e amante de Sejano, Messalina, terceira mulher de Cláudio, a *semper atrox* Agripina *Minor*<sup>13</sup>, quarta mulher do mesmo imperador, Popeia Sabina, mulher de Nero, ou mesmo Agripina *Maior*, na sua alternância entre a altivez digníssima de uma *femina ingens animi* (Ann. 1. 69) e um carácter impulsivo, indómito e quantas vezes violento, não são nem podem ser os modelos sobre os quais Tácito estabelece a imagem da mulher na antiga Roma. O historiógrafo detém-se na descrição dos seus actos, analisa-lhes com minúcia os comportamentos, as intenções, as reveladas e as ocultas, e, independentemente de, por vezes, entrevermos nas suas palavras uma certa admiração que não consegue evitar por essas mulheres grandiosas no mal ou no erro, delas deixa um retrato profundamente marcado pela censura, quase sempre centrada na ausência de modéstia e recato.

Observemos um único exemplo, o de Popeia Sabina, no retrato que dela faz Tácito<sup>14</sup>. A abrir o passo (Ann. 13. 45), o historiador cataloga a relação de Popeia e Nero como *impudicitia*, o que logo lhe põe um rótulo moral e censório. Depois, mostra que Popeia Sabina pertencia a uma família não totalmente desprovida de lustro, pelo que dela se esperava um comportamento

13 Cf. Ann. 12. 22 (*atrox odii Agrippina ac Lolliae infensa*); 13. 13 (*cauere insidias mulieris, semper atrocis, tum et falsae*). Agripina Menor não destoava da característica assacada a sua mãe, Agripina Maior, que, em Ann. 4. 52, é dita *semper atrox*. Vide Kaplan (1979), 410-417. Outra característica que se repete na mãe e na filha é a *ferocia*: veja-se e.g. Ann. 2. 72, passo em que Germânico, no leito de morte, pede à mulher que dome a *ferocia* que a pode perder, a ela e aos filhos de ambos. Quanto à filha, em Ann. 13. 2, Tácito refere os esforços de Séneca e Afrânio Burro *contra ferociam Agrippinae*. Essa *ferocia* é recorrente no retrato de Agripina (e.g. Ann. 13. 21) e, a avaliar pelo que se diz de Triária, cunhada de Vitélio, era, na perspectiva de Tácito, característica comum nas mulheres (Hist. 2. 63: *Triaria L. Vitellii uxor, ultra feminam ferocis, terruit...*).

14 Em claro eco da Semprónia de Salústio (Cat. 25), bela e dissoluta conjurada da facção de Catilina.

consentâneo com a dignidade da linhagem, expectativa que ela indecorosamente frustrou. É que, a Popeia, nada lhe faltava, a não ser a honestidade. Tácito marca implacavelmente o contraste entre os bens que a *fortuna* lhe concedeu (formosura, riqueza, inteligência, vivacidade) e a impureza do seu carácter. A mistura (sempre perigosa numa mulher) de beleza, bens, espírito arguto e estrato social de relevo, só pode resultar numa mulher hipócrita, de falsa moralidade, que se mostra decorosa para realçar a beleza e mais se fazer cobiçar, amoral e imoral, fria e calculista, usando dos afectos dos outros sem se deixar prender a ninguém, tendo como único objectivo o lucro, a posição social de topo e de mando. Um retrato tão devastador justifica e sustenta, pois, todas as suas acções perversas, especialmente gravosas a partir do momento em que, descartado o marido que já não lhe serve porque encontrou e cativou outro de mais poder e posses, fica ao lado de Nero, primeiro como *principale scortum* (*Hist.* 1. 13), prostituta imperial, depois como sua *uxor*, mestra em crueldade, manhas e fingimentos (*Ann.* 13. 46: *per blandimenta et artes*), hábil em manobrar os outros, dissimulada e falsa, alternando ameaças, recriações e lágrimas para conseguir do marido o que quer, achincalhando-o umas vezes, enaltecendo-o outras, usando enfim de todos os artificios que uma mulher *mariti potens* (*Ann.* 14. 60), senhora do marido<sup>15</sup>, sabe excogitar em seu proveito<sup>16</sup>.

A lista do léxico referente à mulher e aos seus comportamentos censuráveis que há pouco esboçámos, na sua riqueza e variedade semântica, fica, obviamente, em aberto, e contrasta, de modo gritante, com a escassez e pobreza de vocábulos referentes às *uirtutes* que, pelos vistos, só muito poucas mulheres conseguiam. Dir-se-á que uma mulher honesta não dá nas vistas, não dá que falar, aparece pouco e não precisa nem deve ser elogiada, pois apenas cumpre o seu dever de mulher, de mãe, de filha, de dona de sua casa. Ainda assim, buscando bem, os valores da mulher *uniuira, lanifica, modesta e casta* aparecem associados a algumas figuras femininas, de quem se louva a *sanctimonia*, as *artes*, mas *artes honestas*<sup>17</sup> (*Ann.* 12. 6), a bênção de ser *puerpera*, o *mariti amor*, a *probi-*

15 Antes de ser mulher de Cláudio, mercê do ascendente que sobre ele exerce, já Agripina usa da *potentia uxoria* (*Ann.* 12. 3).

16 Como que a fechar um ciclo, é talvez curioso ler a intencionalidade de Tácito ao referir o sentimento que dominou Roma, quando Popeia morreu, como de *laetitia*: alegria escondida, é certo, mas plenamente motivada *ob impudicitiam eius saeuitiamque* (*Ann.* 16. 7).

17 São esses predicados que Vitélio atribui a Agripina quando pretende convencer o senado de que ela é a melhor *uxor* que o imperador, Cláudio, poderá escolher. Vitélio tem de levar os senadores a

*tas*, o cuidado com a *fama*, o seu bom nome. Em suma, quer-se que seja *insignis fecunditate e praeclara* pela *pulicitia*<sup>18</sup>, que se torne o *modestum exemplum* da mulher que respeita o *antiquus mos* (cf. *Hist.* 2. 64), que saiba manter-se no seu lugar e não se imiscuir na esfera de acção que por direito pertence ao homem.

E, depois, é preciso surpreendê-las nos gestos que os outros têm para com elas, ou naqueles que elas têm para com os outros. Sem comentar ou emitir juízos críticos, Tácito mostra-nos que é às mulheres que os homens escrevem a ditar as suas últimas vontades antes de serem executados, certos de que elas as cumprirão (*Ann.* 1. 53); são as mulheres que vão ao senado acusar os que provocaram a morte ou a ruína dos maridos que perderam (*Hist.* 4. 42; *Ann.* 2, 67); são as mulheres que ajudam os que estão votados à desgraça, indo com eles, de porta em porta, em busca de apoio (*Ann.* 2. 29), ou intercedendo por eles (*Ann.* 3. 69), às vezes mesmo quando a culpa é verdadeira<sup>19</sup>; são as mulheres que choram os parentes que a *maiestas* ou a inveja do *princeps* aniquilou e que são, também elas, incriminadas *ob lacrimas*<sup>20</sup>.

E depois encontramos, em algumas das mais belas páginas de Tácito, o *exemplum* de certas mulheres grandiosas na sua coragem e dignidade. São as muitas

aceitarem o casamento incestuoso entre tio e sobrinha e, por isso, exalta Agripina dizendo que importava escolher *feminam nobilitate, puerperis, sanctimonia insignem*, alguém que, como ela, se distinguiu das demais *claritudine generis*, pela *fecunditas* comprovada e pelas *artes honestae* (cf. *Ann.* 12. 6. 1). É curioso observar que, realizado o casamento, o mesmo substantivo, *artes*, sem qualquer qualificativo e com o sentido pejorativo de «manobras astuciosas», caracteriza o comportamento de Agripina quando usa do seu ascendente para levar o marido às mais cruéis decisões (*Ann.* 12. 59: *Agrippinae artibus*). Pode ser interessante, nesta perspectiva, observar as ocorrências de *artes* na caracterização de Agripina, daí resultando uma espécie de mapa dos seus comportamentos indignos, para em seguida fazer o levantamento e a análise das ocorrências do mesmo substantivo no tocante a outras mulheres e decerto concluir da sua constante associação aos modos de ser e de agir femininos.

18 Cf. *Ann.* 1. 41. O passo diz respeito a Agripina, mulher de Germânico. Sobre ela se afirma, em *Ann.* 2. 43, levar vantagem sobre a mulher de Druso, porque dera mais filhos ao marido e gozava de bom nome (*coniunx Germanici, Agrippina, fecunditate ac fama...*).

19 Como fez a Grande Vestal, Vibídia, que procurou chegar à presença de Cláudio para o intimar a que, pelo menos, ouvisse Messalina, a mãe dos seus filhos, antes de a executar (*Ann.* 11. 32). Ou como o exemplo luminoso de Vitélia que se manteve firme, não denunciando Clutório Prisco, mesmo com risco da própria vida (*Ann.* 3. 49).

20 *Ann.* 6. 10 (caso de uma mulher de avançada idade que foi morta por ter chorado o filho, vítima de Tibério). Outros *exempla* mostram mulheres que são simplesmente arrastadas nos processos urdidos para perder algum dos seus familiares (*Ann.* 6. 18; 12. 52; 16. 8), quantas vezes sofrendo o ultraje de lhes denegirem a pureza e a honestidade (*Ann.* 6. 19).

*uxores* que, sem estarem incriminadas de nada<sup>21</sup>, partilham com o marido a desgraça e o fim, escolhendo o suicídio, umas, quase todas, consumando-o, outras impedidas de o fazer por vontade do próprio marido<sup>22</sup>, ou por imposição do tirano, como Paulina, mulher de Séneca, a quem Nero mandou ligar os pulsos frustrando-a de morrer (*Ann.* 15. 63-64). São as mulheres que, não seguindo os maridos na morte mas deles sendo violentamente privadas, se mantêm ligadas à vida por um ténue fio sem alegria nem gosto, silenciosas no luto e na dor, num desapego da comida e do convívio com os outros que lhes abreviará a morte<sup>23</sup>. São as mulheres que seguem os maridos no exílio (*Ann.* 15. 71) e, quantas vezes, por terem-no feito, vêem os seus próprios bens confiscados. São as mulheres que encorajam os filhos ou os maridos a porem fim à vida, para que encontrem a morte com dignidade e a não recebam das mãos de quem torpemente os incriminou<sup>24</sup>. São as mulheres que recebem os corpos dos que amam, para lhes dar sepultura, quantas vezes no suplício atroz de os verem mutilados, as *matres dolorosae* de todos os tempos que acolhem uma última vez no regaço o corpo sem vida dos filhos que deram à luz<sup>25</sup>.

21 Cf. *Ann.* 6. 29 (suicídio de Paxeia, mulher do antigo governador da Mézia: neste caso, porém, ambos se anteciparam a uma sentença do senado por concussão).

22 Como Árria, mulher do senador da oposição estoica Trásea Peto (*Ann.* 16. 34). Tácito faz-nos sentir, ao invés, a censura pelo comportamento de Pláncina, que conseguiu o apoio de Lúvia para não partilhar a sorte do marido, Calpúrnio Pisão, quando ambos estavam acusados pela morte de Germânico. *V. Ann.* 3. 15. Para outros exemplos de mulheres que acompanharam os maridos no exílio, v. e.g. *Ann.* 15. 71. Um exemplo de relevo é o de Eponina (*Hist.* 4. 67: *insigne Epponinae uxoris exemplum*), mulher de Júlio Sabino, insurrecto contra Roma: qual Túrria (cf. *I.S.* 8393), durante nove anos escondeu o marido e fez espalhar a notícia de que tinha morrido. Por Díon Cássio (65. 16) sabemos que, quando enfim ele foi descoberto, ambos sofreram a pena capital. Plutarco (*Amatorius* 25. 770 F) também se interessou por tão bela história de amor, que conta com cópia de pormenores.

23 V. *infra* o exemplo de Antístia Polita, figura central do nosso estudo, bem como o da já citada Paulina, mulher de Séneca (*Ann.* 15. 64).

24 Como Sêxtia, mulher de Mamerco Escauro, que, depois de o marido corajosamente se suicidar, foi sua *particeps* na morte como o fora na vida (*Ann.* 6. 29), ou como essa imagem fantástica que nos fica da mãe de Messalina, Domícia Lépidia, há tantos anos afastada da filha, enquanto ela gozava tempos prósperos, mercê de agravos de irreconciliável ignomínia, mas que acorre a ampará-la no momento em que a sabe perdida: sentada no chão dos jardins que Messalina louca e criminosamente cobiçou, pelos quais matou e destruiu inocentes (*Ann.* 11. 1), junto da filha prostrada por terra, *fusam humi*, na aflição da morte iminente, Lépidia incita-a a que se mate, que não espere o verdugo que se aproxima, tão pouco é o tempo lhe resta para, num derradeiro gesto de nobreza e dignidade, se redimir de uma vida de crime (*Ann.* 11. 37).

25 Cf. *Ann.* 11. 38. São também as filhas que dão sepultura digna aos pais, e as esposas que batem às portas a que for preciso bater, que se humilham a fazer negócio com os vis assassinos do marido para que

Há, porém, um nível mais nobre de reconhecimento, aquele que Tácito reserva para algumas mulheres cujo *exemplum* revela mais insigne. Algumas são figuras levemente esboçadas, por vezes até sem nome, mas que a arte de Tácito faz com que prendam o olhar do leitor. Assim acontece com a imagem da mulher de Armínio, raptada ao pai mas, como as Sabinas, rendida ao amor pelo marido, a qual, sem se rebaixar a lágrimas nem descer a súplicas, muda ante os Romanos que a capturam e levam como refém, os olha fixamente enquanto pouisa as mãos no ventre, grávido de um filho do inimigo germano (*Ann.* 1. 57). Assim acontece, também, com o *praeclarum exemplum* (*Hist.* 2. 13) da mulher lígure que, aquando do assalto dos partidários de Otão à cidade de *Albintimilium*, corajosamente, à soldadesca que a torturava para que dissesse onde escondera o filho e o dinheiro que julgavam que tinha com ele, não revelou onde ele estava, limitando-se a mostrar o ventre e a dizer que o tinha acoitado ali, sem vergar às ameaças, ao terror do suplício e à morte.

São esses gestos, de nobreza e generosidade, de coragem e constância no perigo e na morte, que Tácito escolhe para cumprir o *praecipuum munus annaliū* (*Ann.* 3. 65), «o principal objecto dos Anais»<sup>26</sup> de, *ne uirtutes sileantur*, guardar a memória daqueles que se tivessem distinguido *per honestum*, contrapondo-os aos muitos outros que, *notabili dedecore*, mereciam da posteridade a *infamia* de um nome execrando.

Luminosos entre todos, alguns nomes de mulheres que transcenderam os limites impostos ao seu sexo, quer pela coragem física, quer sobretudo pela firmeza moral, ganham especial relevo na admiração do historiador. Entre elas conta-se Antístia Polita, jovem viúva de família consular.

Quando pela primeira vez Tácito a refere (*Ann.* 14. 22), não é exacta e exclusivamente sobre ela que o nosso olhar se fixa. É Rubélio Plauto, seu marido, o protagonista, infeliz protagonista, de resto, pois Nero acaba de o intimar a que abandone Roma e se retire nas propriedades que tem na Ásia, caso queira gozar, sendo tão jovem, uma vida *tuta et inturbida*, em segurança e sem sobressaltos. A mensagem de Nero é, tanto para Plauto como para o leitor, muito clara: o *princeps* lembra-lhe que pode ainda ter muitos anos pela frente, mas para isso terá de acatar as condições que estipula, a saber, e sem rodeios, cessar de ser uma ameaça para a autoridade de Nero. Tácito demonstra, porém, que Plauto

eles restituam a cabeça do cadáver que decapitaram e exibiram pela cidade, na expectativa do lucro e no gáudio da vingança (*Hist.* 1. 47: o passo fala-nos de Verânia, mulher de Calpúrnio Pisão, e de Crispina, filha do cônsul Tito Vínio: ambos foram mortos aquando da queda e assassinio de Galba).

26 V. Luce (1991), 2904-27; Ricardo Nobre (2011), 253-268.

não é, nem nunca quis ser, essa ameaça. Cultor dos costumes antigos, austero, casto, discreto, por receio e precaução procurava, em vida retirada, passar despercebido. Ora, essa opção cautelosa, em vez de o defender, granjeara-lhe fama e admiração. Mas ele não tinha culpa de que muitos vissem nele uma alternativa ao poder tirânico do *princeps*, não tinha culpa de que, nesse ano de 60, o surgimento de um cometa tivesse sido interpretado como sinal de mudança no império, cabendo-lhe a ele aspirar *ad novas res*, em virtude da sua *nobilitas*, a sua ascendência que remontava a Tibério, de quem era bisneto, e portanto, por adoção, também a Augusto. Cinco anos antes, ele também não tivera culpa quando, movida por uma dessas inimizades vingativas que separam as mulheres, Júnia Silana acusara Agripina, no momento em que a sua estrela começara a fenecer, de pretender fazer de Plauto seu futuro consorte, no leito e no poder, destronado o filho, Nero. É certo que, esclarecida a intriga, nada aconteceu a Plauto. Mas, quando encerra o episódio dizendo *Plautus ad praesens silentio transmissus est* (13. 22), Tácito mostra que, de facto, nada se apurou contra ele, mas também antecipa, em frase ominosa carregada de subentendidos, uma ameaça que fica apenas suspensa, a desgraça tão-só adiada para um futuro não muito distante. É como se Plauto ficasse numa espécie de limbo: não foi atingido ainda, sê-lo-á mais tarde. Nero não esgota as suas vítimas de um trago. Não tem pressa, basta-lhe manter sob vigilância o potencial concorrente ao poder.

Mandado sair de Roma, para que não ofusque a glória do imperador nem dê margem a que o vejam como um candidato à sucessão, Plauto age em conformidade com o que lhe exigem, partindo para onde Nero o manda, acompanhado da mulher e de uns poucos amigos. *Cum coniuge Antistia*: a menção do nome confere brilho e individualidade a esta mulher. Tácito poderia dizer apenas *cum coniuge*, mas explicita-lhe o nome. Ele sabe o papel de relevo que lhe irá atribuir posteriormente, e antecipa um foco que a ilumina e apresenta a nossos olhos. Por enquanto, todavia, ela é tão-só a esposa que acompanha o marido no exílio: nada a distingue de muitas outras mulheres que fizeram o mesmo nesses tempos de terror. Teremos de aguardar até ao momento da sua perdição para a vermos em toda a grandeza da sua condição de mulher, esposa e filha.

Dois anos passaram. No ano 62, o prefeito do pretório, Ofónio Tigelino, mentor e cúmplice dos crimes de Nero, acicata o medo constante do tirano lembrando-lhe Plauto como um dos perigos que o ameaçam (*Ann.* 14. 57). Instila-lhe um veneno eficaz, enumerando um conjunto de circunstâncias capazes de despertar o ódio e a ganância do *princeps*: nas veias de Plauto corre uma *nobilitas*

ancestral; é senhor de enorme fortuna; pode facilmente suscitar, entre os povos da Ásia e os militares aí estacionados, uma sedição difícil de debelar dada a distância; além disso, simulava querer viver em *otium* quando, na verdade, se gloriava de imitar os Romanos de outrora e assumia a *Stoicorum adrogantia*, a rigidez de uma seita ninho de rebeldes e ambiciosos. Tanto bastou para que Nero ordenasse a morte de Plauto e um destacamento de 60 militares seguem a caminho da Ásia para o executar. Mais rápido que eles, porém, chegou junto dele um seu liberto com uma mensagem do sogro, L. Antístio Vétere, que o incitava a não se dar por vencido entregando-se a uma morte covarde: havia ainda condições e tempo de reunir forças e apoio para rechaçar o destacamento e depois, enquanto Nero preparava o envio de novo contingente, para urdir uma sedição quiçá destinada ao sucesso. Numa palavra: o sogro chama-o à revolta, no pressuposto de que nada tinha a perder se falhasse e de que seria mais digno morrer bravamente do que esperar a execução.

Plauto, porém, não se deixou mover por estes argumentos, seja porque, *inermis atque exul* (14. 59), não via qualquer hipótese de ajuda, seja por desgosto por uma vida de esperança incerta (*taedio ambiguae spei*), seja, ainda, *amore coniugis et liberorum*, por amor da mulher e dos filhos, que encontrariam um *princeps* mais benévolo e inclinado à compaixão se não lhe fossem dados motivos de preocupação e alarme. Tácito enumera, em estrutura disjuntiva, estas três hipóteses de explicação para o facto de Plauto não ter acatado a sugestão do sogro: mas, segundo o que é habitual na sua técnica narrativa, é à última que Tácito dá mais crédito<sup>27</sup>, a preocupação com Antístia e os filhos de ambos. Acrescenta, porém, outras duas versões, a segunda das quais fala de dois filósofos estoicos, um deles Musónio Rufo, que teriam aconselhado *constantiam opperendae mortis pro incerta et trepida uita*. Ou seja: lembram-lhe que, como estoico que também ele é<sup>28</sup>, a uma vida irreparavelmente indigna deve preferir a morte, acolhida com serenidade e encarada como o cais seguro onde a adversidade cessa.

É, por isso, com *constantia* que Plauto vê chegar os soldados que vêm para o matar. Chegam *per medium diei*, a meio do dia, e encontram-no nu, entregue ao exercício do corpo. Surpreendem-no na pujança da juventude, mas sobretudo

27 Recurso a considerar entre as técnicas de insinuação. Cf. Whitehead (1979) 474-95.

28 Sabemos da amizade existente entre Rubélio Plauto e Bárea Sorano, este último estoico de relevo, próximo de Trásea Peto. Pode assim deduzir-se que Plauto partilhava as ideias da oposição senatorial de obediência estoica. Recorde-se que, quando chegou o momento da sua ruína, julgamento e condenação, uma das acusações imputadas a Bárea Sorano foi a de ter sido amigo de Rubélio Plauto (*Ann.* 30. 1).

na placidez dos gestos quotidianos, sem aflição, sem medo, impoluto e digno. O centurião executa a sentença, e a cabeça de Plauto é trazida para Roma, para que Nero a veja e dela escarneça.

Repare-se: neste passo nada é dito sobre a mulher de Plauto. Não sabemos onde estava, como viveu o assassinio do marido, o que fez ou sentiu. O foco da narrativa centra-se nos executores e no executado, nos carrascos e na vítima. A lição e o exemplo nascem da firmeza e da coragem de Plauto. Quanto a Antístia, Tácito aguardará o momento em que lhe representa a morte para contar do seu desgosto e desespero quando lhe mataram o marido. O historiador sabe dosear o *pathos*, sublime na avaliação de quando e como as peças do seu mosaico se encaixam com um efeito mais fulgurante na comoção e piedade suscitadas no leitor. De resto, a estrutura analítica da obra, que quase sempre, em Tácito, não é espartilho mas recurso de estilo, justifica a dilação da narrativa. Só três anos depois, em 65, voltaremos a encontrar Antístia Polita, e então vê-la-emos no supremo momento da sua existência.

No livro 16, livro, entre todos, belo e tremendo, Tácito acabou de contar o fim de Júnio Silano, num quadro traçado com o pormenor do patético que deixa o leitor tocado de compaixão. Silano caiu como tombam os heróis, os que, na guerra, não voltam as costas aos golpes inimigos, e os que, na vida, não viram o rosto à morte, olhando-a de frente sem estremecer<sup>29</sup>. Sem dar tempo para que o leitor repouse do acumular de crimes de Nero, Tácito centra a nossa atenção num novo quadro em que se revela magistral no jogo de luz e de sombras caro ao barroco de que o historiógrafo é precursor, um «barroco fúnebre», como lhe chamou Roland Barthes<sup>30</sup>, que tão depressa revela a trama sinistra em que se perdem os inocentes, como faz brilhar a desafrontada coragem dos que rejeitam uma vida pávida e servil.

Com uma lítotes, [*h*]aud minus *prompte*, Tácito estabelece uma relação de igualdade, no tocante à coragem, entre o *exemplum* anterior e os três protagonistas do quadro que vai desenhar, registando, logo em seguida, os seus nomes e os laços de sangue que os unem: *L. Vetus socrusque eius Sextia et Politta filia*, juntos na morte, e morte sangrenta, não natural, *subiere necem*. O eufemismo, o nível elevado de estilo e do léxico poético, a imagem de quem se entrega à morte como

29 Sobre a morte de Júnio Silano, encontra-se em vias de publicação o texto da conferência que apresentámos no Colóquio Internacional «Retórica e Narrativa» (Porto, Faculdade de Letras, 31 de Março — 1 de Abril de 2011), intitulada «Temor e compaixão: um olhar sobre a morte nos *Annales* de Tácito».

30 (1964) 108-111.

quem lhe reconhece um rosto menos ameaçador — e sobretudo mais digno — do que aquele que a vida, ou resto de vida, reserva, são recursos do patético em que Tácito é exímio.

Repare-se que, para o leitor mais desprevenido, a morte destas três personagens surge, a princípio, classificada apenas como uma morte violenta. Pensar-se-á, de imediato, numa execução mais ou menos sumária, pelo ferro dos verdugos e a mando do *princeps*, desfecho funesto a que repetidamente assistimos ao longo dos *Annales*. Tácito parece querer induzir em nós essa ideia, para depois, mais à frente, quando ficarmos a saber que foi por suicídio que eles puseram termo à vida, identificarmos essa *mors uoluntaria* como mais um assassinio de Nero.

Em seguida, Tácito revela as causas que levaram a essa morte: eles tornaram-se *inuisi principi*, odiosos a Nero. O leitor adivinha que os motivos desse ódio não nascem de nenhuma culpa concreta das suas vítimas, antes se inscrevem no foro da inveja, da cobiça, do receio de que lhe façam sombra ou ameacem o seu poder. Neste caso, a causa da desgraça vem de, perante Nero, serem a lembrança viva e censória do crime cometido, anos antes, contra Rubélio Plauto. É por estarem vivos, apenas por isso, que vão morrer. Tácito não nos diz que eles se constituíram oposição a Nero, embora, como já vimos, sendo parentes próximos de um estóico, não se possa ilibá-los de alguma oposição, activa ou passiva, ao governante iníquo. Seja como for, o que de imediato se conclui é que Nero, que age quase sempre como fera permanentemente acoçada que se mantém à espreita, na aparência esquecido das suas presas até ao momento oportuno para as despedaçar, deixou passar o tempo, à espera de um pretexto sólido para os eliminar, incomodado pela simples existência do sogro e da viúva de Plauto. Às vezes, o silêncio pode ser a forma mais gritante de censura.

Com a adversativa [*s*]ed, Tácito sublinha que a espera de Nero chegou ao fim. O pretexto (*initium*) para soltar as rédeas à sua crueldade (*detegendae saevitiae*) é-lhe oferecido (*praebuit*) por duas personagens sobre as quais o historiador não deixa dúvidas quanto ao desprezo que lhes vota. O primeiro, Fortunato, um liberto que não respeita a *fides* que deve ao seu patrono e o acusa, depois de o roubar. Como, porém, o liberto, e Nero por trás dele, sabem que é difícil sustentar um processo — e processo de *maiestas* — em que só haja um acusador, é necessário um segundo testemunho e a Fortunato associa-se (*adscito*) Cláudio Demiano. Se, no caso do liberto, Tácito revelou de imediato o que o movia — ficar incólume relativamente ao seu roubo — também agora explica a motivação oculta de Demiano: a vingança torpe, porquanto, sendo Vêtere procônsul na Ásia, o tinha encarcerado *ob flagitia*, em castigo dos seus crimes. Trata-se,

pois, de um ser de baixa extracção moral, a quem Nero, feliz porque os ventos lhe sopram de feição, restitui a liberdade *in praemium accusationis*.

Cumpra-se assim o primeiro acto desta tragédia<sup>31</sup>. A *commutatio fortunae* de Vétere, que nada fez, em nada delinuiu, revela-se com o rosto da catástrofe iminente. Repare-se que o segmento frásico *ubi cognitum reo* aponta para um golpe que surge de repente: embora inevitavelmente esperasse que um dia, mais tarde ou mais cedo, Nero se ocuparia de o aniquilar, Vétere tem a consciência limpa e, por isso, é de certo modo apanhado de surpresa quando sabe que sobre ele impende tão grave acusação.

Uma circunstância lhe parece demasiado aviltante: na sua perspectiva de cultor do *mos maiorum* e da virtude tradicional que deveria regular as relações entre patronos e libertos, Vétere não aceita ter de ir ao senado para, em pé de igualdade, se confrontar com o seu liberto. Decide, pois, não comparecer na cúria, o que configura recusa de defesa e assunção de culpa. E retira-se para Fórmias, onde tem propriedades. Aí, *eum milites occulta custodia circumdant*. A aliteração em -c-, o emprego do verbo com o preverbo *circum-* a sugerir o cerco que lhe põem e do qual não conseguirá escapar, a sugestão da presença dos soldados, silenciosa, oculta, mas impossível de ignorar, antecipam estilisticamente o fim próximo e a sentença inexorável.

Tácito centra-se então na figura de Antístia Polita. É ela quem vai, até ao momento final, assumir o papel de protagonismo que Tácito só concede às mulheres que rompem os limites impostos ao seu sexo, as mulheres que, apesar de o serem, se agigantam em atitudes que as distinguem do padrão feminino consagrado em Roma.

Viúva há três anos, Polita estava junto do pai, em *pietas* filial que a faz partilhar com ele a adversidade. Sobre essa mulher, refere Tácito o seu estado de espírito, com uma cópia de traços que nos permitem vê-la como figura trágica na sua aflicção, na sua revolta, no seu prolongado desgosto e desapego da vida. Di-la *atrox*, adjetivo cujo espectro semântico admite valores como «sombria, feroz, firme, inflexível», não só pela iminência do perigo que sentia abater-se sobre eles, como também pela dor intolerável que sentia desde que o marido morrera. Viúva mergulhada num luto sem trégua, comia apenas o estritamente necessário para se manter viva. O desenho da personagem é sublime e constitui um daqueles quadros de contornos tão vivos e dramáticos que o leitor como que não consegue

31 É vasta a bibliografia que aproxima a historiografia de Tácito da tragédia. Sirva, por todos os títulos possíveis de referir, o de Francesca Santoro L'Hoir, Cf. nota 4.

desviar dele os olhos, no aflito pudor com que se vê o sofrimento alheio. Quando narrou o assassinio de Plauto, Tácito não disse que ele aconteceu na presença da mulher. Agora, por analepse, a imagem que nos mostra é a de Polita, uma mulher jovem, amante do seu marido, que com ele partilha o exílio, e vê chegar os assassinos que lhe trazem o corpo decapitado envolto nas vestes que o sangue ensopou. Vemo-la, desesperada, abraçada à cabeça do homem que amou, guardando depois, como relíquia, os panos em que esse sangue pervive. Vemo-la depois, sempre de luto, presa à vida por um fio ténue, talvez os filhos, talvez o pai, talvez tão-só o culto da memória do marido. Os adjectivos que apontam para a duração e a constância do desgosto (*longo dolore; luctu continuo*), os vocábulos que insistem na violência e crueldade do sucedido (*periculum, dolore, percussores, cruentam, sanguinem, luctu, mortem...*), a hendíadis *sanguinem et uestes respersas* que atrai os nossos olhos para o sangue mais que para as vestes, colocando as duas realidades a um mesmo nível sintáctico, as aliterações que realçam os pormenores mais pungentes do quadro (*cruentamque ceruicem, seruabat sanguinem*), tudo concorre para adensar a tragédia de uma mulher devastada pela dor.

Passaram os anos, poucos anos, e esta mulher está de novo obrigada a enfrentar a prepotência e a desgraça da sua família. O pai exorta-a a que tente salvá-lo, demovendo Nero de lhe traçar a morte. Vétere não quis descer ao aviltamento de se defrontar com um liberto vil e ingrato: não considera, todavia, indigno que seja a filha a pedir por ele. Decerto tem esperanças de que ela, viúva e frágil, jovem e emaciada no prolongado sofrimento, consiga de Nero a compaixão, a *misericordia* que o salvará. Polita acede e vai para Nápoles, onde Nero se encontra: tenta ser recebida por ele, mas o acesso é-lhe negado. Surge então, dessa recusa, uma Polita a um tempo desesperada e corajosa, talvez ainda mais corajosa precisamente porque nada tem a esperar e nada tem a perder. Põe-se à espreita de todas as saídas do *princeps*: a forma verbal *obsidens* sugere-nos uma mulher que monta guarda às portas do local onde Nero está, aí fica dia e noite, hostil como o preverbo *ob-* consagra, como se fosse agora ela a sitiá-lo, ao jeito do que os soldados faziam em Fórmias, na propriedade onde ela e o pai se haviam recolhido. Mas os soldados eram muitos, homens com a força das armas, enquanto Polita é uma mulher inerte, sem ninguém que a defenda.

Resta-lhe a voz e o desespero dos perdidos. Grita incessantemente, para que Nero a ouça: o silêncio acusador de outrora transforma-se agora numa cominação repetida, invectiva que o frequentativo *clamitabat* traduz na aflicção e na urgência. Grita-lhe que ouça um inocente (*insontem*), que não deixe à mercê de um liberto quem já foi seu colega de consulado. Polita acentua aspectos que,

como mulher nobre e íntegra, pensa que podem ter algum efeito sobre o *princeps*: a afirmação da inocência do pai; o direito de ser ouvido pelo próprio imperador e de, ao invés, não ser presa e pasto de um liberto; por fim, a colegialidade e o respeito mútuos com que, em 55, exerceram a magistratura suprema. Tudo isso grita Polita a Nero, alternando as queixas com a agressividade e as ameaças. É essa atitude que Tácito baliza entre dois extremos (*modo... aliquando*): os lamentos que ressoam, plangentes (*eiulatus*, recorde-se, é uma onomatopeia), próprios da sua fraqueza feminil, e, de vez em quando, a voz hostil, transcendendo então o seu sexo. *Egressa*: como se saísse de si mesma, da sua fragilidade, e a rejeitasse como se despe uma veste que não nos serve mais.

Fê-lo, porém, apenas enquanto teve alguma esperança de ser ouvida. Fê-lo *donec*, até ao momento em que Nero lhe significou que ficava inflexível tanto perante as súplicas como perante o ódio. A Polita coube então conformar-se com o fracasso do seu gesto e mostrar ao pai que nenhuma esperança lhes restava; é ela quem indica o derradeiro caminho da dignidade, tirar o melhor partido do inelutável. Entretanto sabem que o senado prepara o processo e uma sentença terrível. A amarga ironia de Tácito junta a um mesmo nível sintáctico de coordenação o processo e a sentença (*cognitionem senatus et truce[m] sententiam*). Porque a sentença não se decide em função do processo, porque o senado, já se sabe, vai fazer o que Nero quer que seja feito, porque a condenação é anterior à farsa do julgamento. Todos sabem que assim é: Polita, o pai e todos aqueles que aconselham Vétere a designar Nero como seu principal herdeiro, para lhe saciar a ganância e o dulcificar no tocante ao destino dos netos. Palavras sensatas, as que lhe dizem. Mas Vétere recusa-se a fazê-lo, na decisão firme de não conspurcar a vida que, na liberdade possível, sempre levou com independência e honra. Não quer, no momento da morte, carregar consigo um *nouissimum seruitium*. Por isso são outras as suas disposições finais: distribui entre os escravos todo o dinheiro que tinha consigo e manda-os levar com eles tudo quanto puderem transportar, deixando apenas três leitos *ad suprema*, para o momento último<sup>32</sup>.

Três leitos: porque a decisão está tomada e os três membros daquela família vão antecipar-se à crueldade de Nero e à cobardia dos senadores. Três leitos no espaço estreito de um *cubiculum*, um quarto de dormir. A repetição assindética de *eodem* (*eodem in cubiculo, eodem ferro*) sublinha o destino comum que escolheram: num mesmo espaço, íntimo e recatado, despojado de tudo, com o mesmo punhal, cortam as veias. O visualismo da cena enriquece-se de movimento e

atenção ao pormenor, quando Tácito os mostra a serem levados para os *balnea* da casa, cobertos apenas com as vestes indispensáveis *ad uerecundiam*, para resguardo do pudor. Mergulhados na água quente que há-de apressar-lhes a morte, Tácito obriga-nos à emoção de olhar o que não deve ser visto, mas essa emoção, esse *mouere* que, não o escondamos, a retórica consegue e apura, desperta em nós a mesma admiração que o guia a ele no desígnio de os tornar imortais.

*Pater filiam, auia neptem, illa utrosque intuens*: certa observação de densidade psicológica que nos mostra o pai e a avó de olhos postos em Polita, e ela fitando-os aos dois, numa preocupação mútua que se prolonga no desejo de cada um deles: morrer antes dos outros, para não suportar um último suplício, o de verem partir os que mais amam. Esperam a clemência de um *celerem exitum*.

A *fortuna*, essa força que dá a cada ser o seu quinhão de bem e de mal, de alegria e de tristeza, conservou a ordem natural: primeiro Sêxtia, a mais velha, depois Vétere, o pai, por fim a filha, Polita, encontram na morte o abrigo onde a crueldade não chega.

Tácito, todavia, não pode ainda fazer silêncio. Falta-lhe registar a indignidade dos vivos, o ultraje e a ignomínia do senado, que os acusou formalmente, depois de mortos, e decretou que fossem punidos *more maiorum*. A farsa não ficou, todavia, concluída. Nero intercedeu por eles, mitigando a severidade da sentença do senado pela concessão de uma *mortem sine arbitro*, isto é, deixando-lhes a livre escolha do modo como morreriam. E como, em Tácito, a história dos justos quase nunca acaba bem e os maus quase sempre são premiados, o capítulo seguinte dará conta da desgraça de amigos de Vétere e da recompensa do liberto que o traiu.

Tácito, porém, na atenção consagrada a esta família, mas sobretudo na nítida luz a que nos deixou ver Polita, na limpidez da sua revolta, na compostura do seu desgosto e na serenidade da aceitação do seu destino, criou um retrato, não construído segundo os *topoi* de um modelo de *uxor casta, fecunda e modesta*, mas sim o de uma mulher que, tendo também todas essas virtudes, as transcendeu numa dimensão raramente conseguida por um ser humano.

#### Anexo

Tac. Ann. 16. 10-11

10. Haud minus prompte L. Vetus socrusque eius Sextia et Pollitta filia necem subiere, inuisi principi tamquam uiuendo exprobrarent interfectum esse Rubellium Plautum, generum Luci Veteris. Sed initium detegendae saeui-

<sup>32</sup> A imagem é recuperada, com tocante beleza, no *Satyricon* de Fellini.

tiae praebuit interuersis patroni rebus ad accusandum transgrediens Fortunatus libertus, adscito Claudio Demiano, quem ob flagitia uinctum a Vetere Asiae pro consule exoluit Nero in praemium accusationis. quod ubi cognitum reo seque et libertum pari sorte componi, Formianos in agros digreditur: illic eum milites occulta custodia circumdant. Aderat filia, super ingruens periculum longo dolore atrox, ex quo percussores Plauti mariti sui uiderat; cruentamque ceruicem eius amplexa seruabat sanguinem et uestis respersas, uidua inpexa luctu continuo nec ullis alimentis nisi quae mortem arcerent. Tum hortante patre Neapolim pergit; et quia aditu Neronis prohibebatur, egressus obsidens, audiret insontem ne ue consulatus sui quondam collegam dederet liberto, modo muliebri eiulatu, aliquando sexum egressa uoce infensa clamitabat, donec princeps immobilem se precibus et in uidiae iuxta ostendit.

11. Ergo nuntiat patri abicere spem et uti necessitate: simul adfertur parari cognitionem senatus et trucem sententiam. Nec defuere qui monerent magna ex parte heredem Caesarem nuncupare atque ita nepotibus de reliquo consulere. Quod aspernatus, ne uitam proxime libertatem actam nouissimo seruitio foedaret, largitur in seruos quantum aderat pecuniae; et si qua asportari possent, sibi quemque deducere, tres modo lectulos ad suprema retineri iubet. Tunc eodem in cubiculo, eodem ferro abscindunt uenas, properique et singulis uestibus ad uerecundiam uelati balineis inferuntur, pater filiam, auia neptem, illa utrosque intuens, et certatim precantes labenti animae celerem exitum, ut relinquerent suos superstites et morituros. Seruauitque ordinem fortuna, ac seniores prius, tum cui prima aetas extinguntur. Accusati post sepulturam decretumque ut more maiorum punirentur, et Nero intercessit, mortem sine arbitro permittens: ea caedibus peractis ludibria adiciebantur.

10. Com igual resolução morreram L. Vétère, Sêxtia, sua sogra, e Polita, sua filha, todos aborrecidos do príncipe por lhe parecer que, estando vivos, só com a presença o arguiam do assassínio de Rubélio Plauto, genro de Vétère. Mas a ocasião de manifestar e satisfazer estes seus ódios lhe ministrou o liberta Fortunato que, não contente de haver arruinado a casa do seu patrono, se declarou depois por seu acusador de concerto com Cláudio Demiano, o qual Vétère, sendo pro-cônsul da Ásia, tinha mandado prender por seus crimes, e a quem Nero depois perdoou em prémio desta acusação. Tanto que o réu soube desta circunstância, e que ia a ser confrontado com um seu liberta, partiu para as suas terras de Fórmias, aonde os soldados o vieram ocultamente cercar. Estava com ele sua filha que, além dos terrores do perigo presente, trazia o seu coração ulcerado

de uma mágoa longa e profunda desde o tempo em que tinha visto assassinar Plauto, seu marido, e havia recebido em seus braços a sua cabeça ensanguentada. Ainda conservava aquele mesmo sangue, e aqueles mesmos vestidos que tinham sido salpicados com ele; e sempre viúva inconsolável, e coberta de luto, apenas se mantinha de escassos alimentos, e só dos que eram bastantes para não morrer. A rogos do pai se dirigiu então a Nápoles; mas como a não deixassem falar com o príncipe aparecendo-lhe em toda a parte por onde ele passava, entrou a clamar-lhe que ouvisse um inocente, e não expusesse aos insultos de um liberta um seu antigo colega no consulado. Isto dizia ela ora entre gemidos e todo o pranto feminino, ora tomando um carácter superior ao seu sexo, entre imprecações e ameaças: mas Nero, sempre indiferente, nunca fez caso algum quer das suas súplicas, quer dos seus furores.

11. Voltou por consequência a avisar a seu pai que era preciso perder todas as esperanças, e resignar-se a morrer. Ao mesmo tempo lhe chegou a notícia de que o senado estava cuidando do processo, e se lhe preparava uma bárbara sentença. Houve então alguns que lhe deram de conselho nomeasse o César por herdeiro da maior parte dos seus bens a fim de segurar o resto para seus netos: mas ele não o quis aceitar; e envergonhando-se de macular nos seus últimos momentos com um tal acto de baixeza uma vida que tinha passado com tanta honra, e quase na antiga liberdade, distribuiu pelos escravos quanto dinheiro possuía, e lhes ordenou levassem de casa os móveis que pudessem, à excepção de três leitos, que reservou para os três funerais. Estando então todos no mesmo quarto, com o mesmo ferro abriram as veias; e sem terem sobre si mais outros vestidos do que os simplesmente necessários para conservar o pudor, foram meter-se no banho. O pai tinha os olhos pregados sobre a filha, a avó sobre a neta, e esta sobre ambos, desejando cada um morrer em primeiro lugar, e sentindo ainda uma certa consolação em deixar vivos os outros, apesar de que isto havia de ser por bem pouco. Contudo, a fortuna guardou a ordem natural; a mais velha foi a primeira que morreu, e a mais nova foi a última. Foram ainda acusados depois que já estavam na sepultura, e tiveram por sentença que fossem punidos segundo os costumes antigos; porém Nero se opôs, permitindo-lhes o morrer como bem lhes parecesse. Tais eram os ludíbrios com que ainda se insultavam as vítimas depois de as terem forçado a morrer!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. (1964). «Tacite et le baroque funèbre», in *Essais critiques* I. Paris, Seuil, 108-111.
- CARVALHO, J. F. de (1830). *Os Annaes de Cornelio Tacito*. 2 vol. Paris, J.P. Aillaud.
- WHITEHEAD, D. M. (1979). «Tacitus and the loaded alternative»: *Latomus* 38, 474-95.
- DEVELIN, R. (1983). «Tacitus and techniques of insidious suggestion»: *Antichthon* 17, 64-95.
- GINSBURG, J. (1993). *In maiores certamina*. Past and present in Tacitus' *Annales*. in LUCE, T. J.; WOODMAN, A. J. (eds.), *Tacitus and the Tacitean tradition*. Princeton: University Press, 86-103.
- KAPLAN, M. (1979). «Agrippina semper atrox. A study in Tacitus' characterization of women». In DEROUX, C. (ed.), *Studies in Latin literature and Roman history*. Bruxelles, Latomus, 410-417.
- L'HOIR, F. S. (2006). «Muliebris impotentia. The paths to power». In *Tragedy, rhetoric and the historiography of Tacitus' Annales*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 118-124.
- LUCE, T. J. (1991). «Tacitus on "History's Highest Function": *Praecipuum munus annalium* (Ann. 3. 65)». In *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II.33.4. Berlin-New York, de Gruyter, 2904-27.
- NOBRE, R. (2011). «Escrever para a imortalidade: *Praecipuum munus annalium*», in SERRA, J.P. H.; BUESCU, C.; NUNES, A.; FONSEGA, R. C. (coords.), *Memória e Sabedoria*. Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas, Centro de Estudos Clássicos, 253-268.
- PIMENTEL, M. C. S. (2012). «*Mala cupidine uisendi situm castrorum* (TÁC., Hist. I 48): quando as mulheres se imiscuem no mundo restrito dos homens» in Lopes, M. J. (coord.), *Narrativas do Poder Feminino*. Braga, Aletheia-UCP, 2012, 267-274.
- RYBERG, I. S. (1942). «Tacitus' art of innuendo»: *Transactions of the American Philological Association* 73, 383-404.